





DALADIER PESSOA CUNHA LIMA

1987 / 1991



Expresso minha alegria de estar aqui, nesta hora, presente neste encontro de Ex-Reitores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), para falarem sobre a experiência de cada um dos seus reitorados, dentro do tema “A Contribuição da UFRN ao Desenvolvimento do Rio Grande do Norte”. Saúdo todos os participantes, em especial à Reitora Ângela Paiva, uma grande Reitora que faz uma brilhante gestão. Afirmo, como sempre o fiz: a UFRN é o maior bem social do Estado, pois nada a ela se compara como foco de desenvolvimento social, cultural, econômico e de crescimento do Rio Grande do Norte. De um modo geral, esse é o papel das universidades em todo o mundo.

Fixando o pensamento nas universidades federais do Brasil, eu diria que elas formam um patrimônio inigualável do país, da nação (aplausos), entre as quais está a nossa UFRN. Posso dizer que a UFRN teve sorte com os seus Reitores, desde Onofre Lopes, o fundador, uma figura extraordinária, que fez a UFRN já nascer grande, com um grande destino. Nesses 60 anos de vida, a Universidade, repito, teve sorte com os seus sucessivos

Reitores, o que assegura dizer: a UFRN teve o Reitor certo na hora certa. Temos certeza em dizer que na hora certa o Reitor certo ocupou a cadeira do titular da Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Relembro que, na véspera de assumir o cargo de Reitor da UFRN, recebi de uma diletta amiga um cartão de congratulações, o qual assim terminava: “Reitor, seja menos magnífico e mais magnânimo”. Esse conselho de uma amiga eu não esqueço, e procurei assim proceder, aliás, não foi difícil, porque penso que assim eu sou, no sentido geral da frase, na minha vida toda. Hoje, na condição de Reitor de um Centro Universitário – UNI-RN, instituição particular sem fins lucrativos, sem fins econômicos, essa frase sempre me volta à lembrança. Como já falou o Professor Tarcísio Gurgel, ilustre coordenador deste colóquio, fui o primeiro Reitor eleito da UFRN, por meio do voto direto da comunidade universitária. Foi uma mudança importante de paradigma. Havia uma pergunta no ar: isso daria certo? O tempo decorrido, cerca de três décadas, mostrou que o processo é correto e adequado aos tempos vigentes, haja vista as ótimas escolhas dos Reitores eleitos sucessivamente.

Assumi em 28 de maio de 1987 e concluí o mandato na mesma data de 1991. No âmbito externo, destaco os problemas decorrentes dos governos de dois Presidentes da República: José Sarney e Fernando Collor. Quanto ao primeiro, tive de enfrentar as circunstâncias de uma inflação que alcançou perto de 100% ao mês, ou seja, os recursos disponíveis de custeio e investimentos da UFRN perdiam muito rápido o poder de compra, além de haver arrocho na liberação de verbas. Quanto ao segundo, foi pior, pois além do sufoco na liberação de recursos, havia ordens do Ministério da Educação (MEC) para demissão de professores e de funcionários. Os Reitores das Universidades Federais eram chamados a Brasília para receberem os percentuais de demissão da força

produtiva da instituição, do seu quadro docente e de servidores – 20% a 30% –, sob pena de sofrerem mais restrições por parte do governo. Era uma política irresponsável. Com muita determinação, conseguimos sobreviver e ninguém foi demitido na UFRN. Nesse período, foi criada a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES), a fim de fortalecer o conjunto dos Reitores das Federais. Eu sou subscritor da ata de criação da ANDIFES, associação que, posteriormente, foi presidida pelo Reitor Ivonildo Rego e pela Reitora Ângela Paiva, uma honra para a nossa UFRN.

No âmbito interno, o maior problema, no começo da gestão, foi a divisão em que encontrei a Universidade, com 50% pronta para apoiar a gestão do novo Reitor e 50% disposta a questionar sempre a conduta e os atos da nova administração. Isso ocorreu porque os debates prévios à eleição foram intensos e, em alguns momentos, muito acalorados. Por um lado, foi bom, porque os principais dilemas da Instituição afloraram, vieram à tona; por outro lado, causou transtornos à vida acadêmica, pela formação de grupos divergentes no dia a dia institucional, quase como uma metade a favor e outra metade contra aquele reitorado. Esse foi o primeiro grande problema, internamente, que vislumbrei e tratei de desfazê-lo. Já na formação da nova equipe de trabalho, na escolha de Pró-Reitores e auxiliares, mostrei a autonomia do Reitor para escolher a pessoa certa para o lugar certo, independente de indicações internas que não atendiam a esse princípio da boa gestão. Passei, então, a mostrar que a nova gestão, eleita democraticamente, tinha um só compromisso: o bem da Universidade. Procuramos apresentar que a gestão não se voltava para uma parte da UFRN, mas para toda a Universidade. Pouco a pouco, a paz voltou ao campus da Instituição, pois aquela divisão tão intensa não podia existir em um lugar voltado para a ciência, a cultura,

o ensino, o saber, o diálogo, ou seja, o *locus* correto para a convivência saudável das ideias e das diversas correntes do pensamento filosófico ou ideológico. E tudo, gradativamente, tornou-se evidente, no sentido de que a união devia prevalecer quando o desenvolvimento da UFRN estivesse em primeiro lugar.

Bom, eu quero aqui homenagear a minha equipe de trabalho, a qual, como eu já disse, não fiz concessões para escolher, nomeando a pessoa certa para o lugar certo. Se houve êxito, e houve, credito ao trabalho da equipe que tive a felicidade de formar. Era um grupo valoroso, unido, que muito trabalhou e realizou em prol da Universidade. Na Pró-Reitoria Administrativa, Clóvis Gonçalves dos Santos, já falecido, e Lúcia Almira de Medeiros Chacon; Planejamento: José Cláudio de Mello, falecido, e Alcyr Veras; Pós-Graduação e Pesquisa: Eudenilson Lins de Albuquerque; Diretora de Pesquisa e Presidente da FUNPEC: Tereza Neuma Dantas; Pró-Reitoria de Extensão: Ângela Guerra Fonseca; Pró-Reitoria Estudantil: Rank Santos; Pró-Reitoria Acadêmica: Stênio Gomes Silveira, ainda hoje em importante setor da administração da UFRN. Exceto os que já partiram, muitos dos aqui citados estão presentes neste auditório. Essa equipe se orgulha do trabalho que realizou, durante quatro anos, até passar para a gestão seguinte a UFRN organizada nos aspectos administrativo, financeiro e acadêmico. Relembro, também, do nome de Tarcísio Costa, primeiro Vice-Reitor eleito da UFRN, e do Vice-Reitor indicado Giuseppi da Costa, que permanece, há muitos anos, no âmbito jurídico mais próximo de vários Reitores da Instituição. Na Chefia de Gabinete, tive a satisfação de ter a presença do grande amigo e conselheiro Jessé Dantas Cavalcanti, sucedido por Laércio Segundo de Oliveira. Há outros nomes de várias pessoas que não foram aqui citados, mas também foram essenciais para o sucesso do trabalho desenvolvido na gestão 1987/1991 da UFRN.

Entre as ações relevantes dessa gestão 1987/1991, começo pela construção do prédio da Escola de Música. Ainda hoje, 30 anos depois, esse prédio continua a ser o melhor do Brasil, no conjunto dos prédios de escolas de música de universidades do país. Superamos as dificuldades de falta de verbas para construções, as posições contrárias à prioridade atribuída a essa meta, enfim, vencemos pela convicção de que ótimo resultado seria alcançado. Enfrentamos até resistências internas, como se a ênfase às letras e às artes fosse em desfavor das ciências de um modo geral. Mas o que se queria mostrar era que a relevância das artes e das letras, dentro de uma universidade, tem de ser igual às diversas áreas das ciências. Foi escolhida uma das melhores áreas do campus e construído um prédio com mais de 4.000 m², um dos mais bonitos da UFRN. E não foi somente o prédio em si, mas o que dele resultou, o crescimento da música, não somente dentro da UFRN, mas em todo o Rio Grande do Norte, estado que tem uma própria vocação musical. Além da Orquestra Sinfônica, hoje, a Escola de Música tem excelentes grupos musicais, entre os quais estão o Madrigal e o Grupo de Violoncelos, que nos brindaram com as belas apresentações no início deste colóquio. Em recente artigo escrito pela Reitora Ângela Paiva, que publica ótimos textos sobre a universidade brasileira e, em especial, sobre a UFRN, li a respeito do crescimento musical da Universidade. Nos dias atuais, a EMUFRN oferece cursos de bacharelado, mestrado e doutorado. Na oportunidade, quero prestar homenagem à Professora Maria Eugênia, Diretora da Escola de Música à época da construção do novo prédio. Ela muito se empenhou para essa realização. Ela, exímia pianista, foi a Brasília a fim de convidar, junto com o Reitor, o Ministro da Educação, o Médico Carlos Santana, também pianista, para a inauguração do novo prédio. Houve o imprescindível apoio do Ministro para a concretização dessa grande

obra da UFRN. Na verdade, houve mesmo uma quebra de paradigmas, com a valorização crescente das artes como um todo, dentro da UFRN. E aqui e agora, relembro o grande escritor e poeta Ferreira Gullar, autor dessa frase memorável: “A arte existe porque a vida não basta”.

Por outro lado, apenas para exemplificar, no campo das ciências e da pesquisa também demos a nossa contribuição, fincamos marcos de avanços, representados pela realização do 1º Congresso de Iniciação Científica da UFRN, em 1988, com a apresentação de 235 trabalhos, e, no ano seguinte, em 1989, a realização do 1º Congresso de Ciências, com apresentação de 135 trabalhos. Esses dois eventos constituem marcos da evolução científica da UFRN. Sentimos orgulho e alegria de poder citá-los em momento de fixação histórica da UFRN, no ano em que se celebram as seis décadas de vida da Instituição.

Havia eu exercido o cargo de Diretor do Centro de Ciências da Saúde, de 1979 a 1983 e, na condição de médico e professor do Curso de Medicina, conhecia bem as dificuldades do Hospital Universitário Onofre Lopes (HUOL), principalmente no tocante à área ambulatorial. Ao lado do Hospital, existia um esqueleto de concreto de sete andares, amplo, com apenas metade de um andar em funcionamento. Era evidente a urgente obra de acabamento e conclusão da obra física, além das instalações adequadas ao funcionamento ambulatorial. Em virtude de não contar com o Ministério da Educação, por falta de verbas ou de algum programa correlato, buscamos alternativas e encontramos no âmbito do Ministério da Saúde. É preciso fazer justiça e citar o nome do Professor Augusto Carlos Viveiros, à época exercendo elevado cargo no Ministério da Saúde, que apoiou o projeto da UFRN, tornando viável a construção (exceto a estrutura de ferro e cimento já existente) de sete andares dos excelentes serviços ambulatoriais do HUOL, com

uma área total de mais de 7.000 m², uma grande meta alcançada com enormes benefícios para o ensino médico e na área dos cursos da saúde, bem como de propiciar maior e melhor atendimento aos pacientes. Devo também citar o entusiasmo e a contribuição do então Diretor do HUOL, Professor Carlos dos Santos Fonseca. Há um fato histórico que precisa de registro. No projeto original do prédio, havia uma área para o Curso de Odontologia, o qual fez uma permuta por outra área a ser construída – o compromisso foi honrado – no âmbito do próprio Curso de Odontologia.

No campo da internacionalização, merece destaque o convênio com a Organização Universitária Interamericana (OUI), que assinamos em Quebec/Canadá, para realização, na UFRN, de cinco seminários internacionais de administração universitária. Na minha gestão, dois seminários foram realizados, com a presença de Reitores, de Professores e Gestores de muitas Universidades do Brasil, da América do Norte e da América do Sul. A UFRN, além de prestar um valioso serviço à gestão acadêmica em geral, tornou-se mais conhecida no Brasil e no exterior. Três outros seminários foram realizados na gestão seguinte, do Reitor Geraldo Queiroz.

No tempo dado a cada um dos Ex-Reitores neste painel, neste colóquio, não dá para falar de todos os aspectos relevantes das gestões. Contudo, face à pergunta do Professor Tarcísio Gurgel, permitam-me lembrar do apoio à Editora Universitária. Alguns dos que estão neste auditório talvez ainda se lembrem do antigo prédio onde funcionava a Editora, na entrada principal do Campus. Era quase desumano o local de trabalho da antiga Editora, exatamente para um setor tão significativo para a ciência e para a cultura. Conseguimos verbas extras do próprio MEC e construímos uma nova Editora Universitária, em termos

de instalações físicas e de equipamentos, com ótimos resultados para os objetivos da área. Entre as diversas obras publicadas no período, destaco o livro Artes Plásticas do Rio Grande do Norte, do poeta, escritor e artista plástico Dorian Gray Caldas, Doutor Honoris Causa da UFRN.

Não devo esquecer-me da ênfase que a gestão 1987/1991 deu ao trabalho de planejamento das ações acadêmicas e administrativas do período. Foram elaborados quatro planos anuais de ações, envolvendo todos os setores da UFRN, e mais quatro relatórios anuais correspondentes. Esses documentos fazem parte do acervo da Biblioteca Universitária Zila Mamede.

Volto às minhas considerações quando comentei sobre a UFRN dividida que encontrei, numa fase de implantação de outro modelo na escolha do Reitor, com a opção de eleição direta. Os ânimos estavam exaltados, em alguns setores, por parte de alguns grupos. Como era meu dever, fiz tudo para harmonizar a comunidade universitária e mostrar que eu era o Reitor da UFRN, e não somente de uma parcela que votou no meu nome. Há um exemplo concreto que eu quero relatar. Poucos meses depois que assumi o cargo, chegou à presença do Reitor o professor Ivonildo Rego, um dos líderes do grupo que fizera opção por outra chapa. Ele trazia um projeto excelente, do Curso de Engenharia Elétrica, com um quadro de professores e pesquisadores de alta qualificação acadêmica. O objetivo era a construção e a instalação de um laboratório avançado de tecnologia. Informei ao professor Ivonildo que na UFRN não havia verba para o projeto, mas que podíamos procurar um setor do MEC adequado para tal fim. Porém, havia uma condição: que ele fosse comigo, na hora certa, para argumentar melhor sobre as vantagens daquele Laboratório para o ensino e a pesquisa. E assim foi feito, conseguimos nosso pleito e o Laboratório, sem muita demora, inaugurado.

Na prática, conseguimos mostrar que a Universidade era de todos, e que sua missão estava acima de qualquer interesse ou questão pessoal.

Lembro-me que os 30 anos da UFRN foram celebrados em 1988, no segundo ano do meu reitorado. Foram vários eventos na celebração dessas três décadas da UFRN, entre eles a inauguração do busto do primeiro Reitor e fundador, Onofre Lopes da Silva, no átrio de entrada do prédio da Reitoria. Neste ano de 2018, celebram-se 60 anos da UFRN, e, em boa hora, estamos aqui, Ex-Reitores, a convite da Reitora Ângela Paiva, para uma evocação dos tempos passados da vida da UFRN, bem assim do presente e do futuro do papel da Instituição para o desenvolvimento do Estado. Pergunto a mim mesmo: a UFRN aos 30 anos era a metade do que é hoje? Essa pergunta é cabível? Talvez não, até porque os indicadores de mensuração variam com o tempo e com a relatividade dos fatores envolvidos. Nos 30 anos da UFRN, ainda não existia a internet, os computadores pessoais começavam a surgir. Hoje, aos 60 anos da Instituição, vive-se a época da robótica, da automação e da inteligência artificial. E tudo mudou e muda rapidamente, cada vez mais rápido, a cada dia que passa.

Nesses 60 anos que se passaram, a UFRN cresceu e evoluiu muito, procurou seguir a rapidez da evolução da ciência e do conhecimento, além dos números expressivos no plano quantitativo, a depender também da política pública para o setor. Cito, novamente, os dados atuais da UFRN que li em recente artigo publicado pela Reitora Ângela Paiva, com números que sensibilizam e alegram a todos os que amam esta Instituição. À medida que a UFRN cresce, aumenta também seus efeitos positivos sobre o desenvolvimento do Rio Grande do Norte.

Mesmo diante desse mundo digital de hoje, da rapidez dos meios virtuais vigentes, quando um pequeno equipamento nas mãos de um

usuário o transporta a um estágio de informações e de conhecimento inimaginável, em que os métodos de ensino estão em constante desafio, as universidades precisam manter seu sentido humanístico, do diálogo, da cooperação que envolve mestres e discípulos, enfim, não se limitam apenas aos avanços científicos e tecnológicos. No Livro Educação 3.0, o qual li e publiquei texto sobre a obra, existe uma passagem interessante. O autor, Professor Rui Fava, escreve que, ao procurar um modelo de universidade para fazer um *benchmarking* em relação à instituição atual, dos nativos digitais, a escolha recaiu sobre uma escola datada de 343 a.C., localizada nas colinas de Mieza, na Mesopotâmia, na qual Aristóteles era seu principal professor, e Alexandre, o Grande, era um dos seus alunos. Assim, há de prevalecer nas boas universidades, ao lado do avanço das ciências e das novas tecnologias, o apreço aos valores humanísticos, tão presentes na UFRN, desde a sua fundação.

Grande parte da minha vida decorreu dentro da UFRN. Em 1960, eu era aluno calouro do Curso de Medicina e participei da alegria da comunidade acadêmica pela federalização da Universidade. Em 1966, já formado, trabalhei como médico no Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária (CRUTAC), o maior programa de extensão universitária do Brasil. Por muitos anos fui Professor de Medicina e atuei, de forma intensa, no ensino, na extensão e na pesquisa. Exerci as funções de Diretor de Hospital, de Diretor do Centro de Ciências da Saúde, de Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, de Vice-Reitor e de Reitor. Poucos anos depois de me aposentar, fui convidado pela Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, por meio da Professora Noilde Ramalho, para criar o ensino superior dentro daquela instituição educacional sem fins lucrativos.

Com o apoio de equipe de professores que participaram da gestão 1987/1991, da UFRN, da qual era eu o Reitor, criei o projeto da FARN, Faculdade que começou a funcionar em fevereiro de 1999, sob a chancela da Liga de Ensino do RN. Fui Diretor-Geral até janeiro de 2012, quando a FARN transformou-se no Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN). Desde então, exerço as funções de Reitor daquela ótima unidade acadêmica.

Em certa fase da minha vida, deixei a Medicina e me dediquei à Educação, até alcançar um total de mais de 50 anos nesse labor. Neste histórico painel que inicia as celebrações dos 60 anos da UFRN, com a presença de outros Ex-Reitores e da Reitora Ângela Paiva, perante um auditório de ilustres pessoas, professores, alunos e funcionários, encerro minhas palavras com versos do grande poeta, artista, humanista, escritor, Doutor Honoris Causa desta Instituição, Dorian Gray Caldas:

“... E sou assim fragilidade efêmera/ o que me resta Senhor, senão plantar/ estas sementes que Deus abandonou/ em minhas mãos...”

Muito obrigado.